



Crônica da Cidade

PATRICK SELVATTI | patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Um choro pelo Eixão

Capital com a maior qualidade de vida do país, Brasília alcança esse patamar levando-se em consideração um dos pontos que mais a diferenciam de outras cidades: a grande quantidade de áreas livres em meio à urbanização para que os cidadãos usufruam o contato com a natureza, com práticas esportivas e de lazer a céu aberto. O Lago Paranoá, o Parque da Cidade e o Eixão são os maiores exemplos. Lembro-me bem de que, logo que cheguei por aqui, há 20 anos, meu primeiro endereço fixo foi a Asa Norte, na 215. O Eixão estava lá, a uns 10 passos de mim, disponível para o lazer, aos domingos e feriados, com sua interdição para o trânsito

de veículos motorizados e um mar de pessoas caminhando, correndo, pedalando, patinando ou simplesmente sentadas no gramado para tomar sol. Famílias inteiras, grupos de amigos, casais de namorados, indivíduos solitários, cães e até gatos convivendo em harmonia nessa via extensa e larga totalmente liberada para gente de todo o tipo se misturar. No coração do Distrito Federal, sem distinção de classe social, cor, crença ou orientação sexual.

Após três anos, me mudei para o Cruzeiro e, para mim, esse refúgio passou a ser o Parque da Cidade, bem mais próximo de casa e disponível todos os dias da semana. Curiosamente, entretanto, há cerca de um ano me reencontrei com o Eixão. Morando, agora, no Guará, a distância deixou de ser um impedimento a partir da descoberta do Choro no Eixo, uma manifestação artística que é a cara de Brasília e que passou a concentrar, em

um espaço reservado no meio da Asa Norte, atividades múltiplas de cultura e gastronomia. Um reduto refrescante, rodeado por árvores, com música boa e uma variada oferta de refeições para um lanche rápido e até para um almoço de domingo.

Estive lá algumas vezes neste ano. Em uma delas, sentado no chão, sobre uma canga estendida no gramado, enquanto me alimentava com um prato simples e honesto de espetinho com arroz branco e mandioca cozida, algo me chamou a atenção: visualizei naquele ponto de encontro três rostos conhecidos do Guará, enquanto meu marido, que é professor em Sobradinho, avistou uma aluna confraternizando com familiares e amigos. Nesse dia, tive a certeza de que o viés democrático do evento atingiu o seu objetivo, atraíndo o povo do DF ao Eixão.

Decidimos que esse passeio dominical passaria a ser uma rotina do

casal — pelo menos até que as chuvas deem as caras, estragando o rolê. A vez seguinte, porém, foi justamente nesse fatídico domingo, em que os frequentadores, os artistas e os comerciantes informais foram surpreendidos pelo rapa que acabou com a festa a céu aberto com a força de uma daquelas tempestades de verão.

A sensação de frustração e indignação tomou conta das vias largas que cortam as asas do nosso avião. Sem o som aconchegante do chorinho, o Eixão foi tomado pelo choro de verdade. Principalmente dos artistas que utilizam o espaço para a manifestação cultural e da população que se acostumou a frequentar o local público para se divertir, seja desfrutando uma boa música, seja comendo um petisco de rua ou seja tomando uma cervejinha artesanal, nesse dia sagrado de descanso e entretenimento.

A justificativa foi a reclamação dos moradores da região. A velha perturbação do sossego. Não vivo na Asa Norte, então não posso opinar sobre a legitimidade da queixa. Mas o governo afirmou que, independentemente do lamento comunitário, a fiscalização permanecerá, até que a situação dos artistas e dos ambulantes seja regulamentada. Autorizações para o funcionamento estão sendo concedidas — para isso, após a polêmica que se espalhou em um brado mais retumbante que o “barulho do lazer”, um novo decreto substituiu o de 2020, que, instituído em meio à pandemia de covid-19, impedia as atividades no local.

Diante dos novos acontecimentos, o choro de lamento parece estar se dissipando. Que assim seja, amém! E eu espero que, muito em breve, nos reencontremos pelo Eixão do Lazer e que esse episódio triste vire só mais uma crônica da cidade para a gente contar.

INVESTIGAÇÃO / Moradores do condomínio onde ocorreu incêndio que matou três pessoas em Valparaíso tentam voltar à normalidade, mas adotam medidas de segurança adicionais. Ainda há 20 apartamentos interditados no bloco que pegou fogo

Medo e aflição após a tragédia

» DARCIANNE DIOGO

Nove dias depois da tragédia que deixou uma família morta em um incêndio em Valparaíso de Goiás, moradores do condomínio Parque das Árvores tentam voltar à normalidade. Depois da morte da especialista em alongamento de cílios Graciane Rosa de Oliveira, 35 anos, do marido dela, Luiz Evaldo, 28, e do filho do casal, Léo, de 19 dias, o residencial adotou uma série de protocolos para garantir a segurança dos condôminos, tais como a inspeção de todos os registros e mangueiras internas dos apartamentos.

O clima em todo o residencial é de tristeza. Quem entra e quem sai do condomínio não consegue esquecer da cena que abalou o país. Moradores relataram ao **Correio** que, depois da tragédia, ao menos 10 pessoas se mudaram do local por motivos diversos. Algumas por medo.

A aposentada Glória Moura, 72, reside no Parque das Árvores há um ano e diz que depois do incêndio passou a tomar mais cuidado dentro de casa. “Moro no bloco em frente ao apartamento que pegou fogo e fiquei muito nervosa. Vi tudo. A gente sempre confia em Deus, mas pre-

Material cedido ao Correio



Foto obtida pelo Correio mostra Renan Vieira fazendo a higienização no sofá dias antes do incêndio

cisamos ter muita cautela. Nunca gostei desse negócio de passar produto no sofá. Se o processo tem uma série de precauções, é porque não pode ser feito den-

tro do apartamento”, desabafou. A dona de casa Lilian Siqueira, 52, outra moradora do condomínio, diz que, apesar da segurança do residencial, tem alertado a fi-

lha, também moradora, a tomar todos os cuidados. “Depois desse incidente, estamos vigiando do brado. Sempre que saímos, olhamos para ver se não deixamos o

gás ligado, por exemplo.”

Por outro lado, há aqueles que acreditam que novos inquilinos deveriam passar por uma espécie de teste antes de se mudarem. O engenheiro Arnaldo Fernandes, 63, é chefe de construção civil e avalia a situação. “No nosso serviço, por exemplo, treinamos todos e oferecemos cursos. Isso em um apartamento é crucial. O novo morador deve saber, por exemplo, para que serve a escada, as portas corta-fogo. Não é só se mudar”, ressalta.

Anderson Rodrigues, síndico do condomínio, informou ao **Correio** que há, ainda, 20 apartamentos interditados do 6º ao 11º andar e cinco famílias hospedadas em hotéis de Valparaíso. Os gastos são custeados pelo próprio residencial. “Estamos prestando todo auxílio necessário. Serão inspecionados todos os registros e mangueiras internas dos apartamentos. Por mais que seja responsabilidade dos condôminos, nós faremos a inspeção anualmente a partir de agora”, enfatizou. Não há, no entanto, prazo para a liberação dos imóveis.

Investigação

A Polícia Civil (PCGO) investigou o caso sigilosamente. A prin-

cipal hipótese é de que o fogo tenha ocorrido em decorrência do produto usado para impermeabilizar um sofá na casa da família. Uma foto obtida com exclusividade pelo **Correio** mostra Renan Lima Vieira, o aplicador do produto, fazendo a higienização no estofado dias antes de aplicar o impermeabilizante.

No dia do incêndio, também estava na casa Maria das Graças, mãe de Graciane. Em conversa com o irmão de Luiz, Elivelton Lima, Maria deu sua versão sobre os fatos. Alegou que estava na cozinha, quando escutou o estrondo. A explosão foi tão forte que a porta da geladeira quebrou. “Ela disse que o cheiro era muito forte e, por isso, a Graciane, o marido e o filho do casal se trancaram em um dos quartos. Ao sair da cozinha, ela se queimou. O rapaz que aplicava o produto voltou ao apartamento para salvá-la”, detalhou o advogado Paulo Henrique, que representa a família de Luiz.

Renan Lima, o responsável pela impermeabilização, teve alta hospitalar, mas a mulher segue internada no Setor de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) com 30% do corpo queimado. A PCGO não deu informações se colheu o depoimento do rapaz.

ACIDENTE

Menina perde parte do couro cabeludo

» HENRIQUE SUCENA*
» LETÍCIA GUEDES

Uma menina de 9 anos teve parte do couro cabeludo arrancado enquanto brincava em um parquinho público, na QC 02, em Santa Maria, por volta das 20h40 desta terça-feira. Após o acidente, a menina foi levada pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) ao Hospital Regional da Asa Norte (HRAN).

Por medida de segurança, a administração de Santa Maria determinou a retirada de brinquedos do mesmo modelo de todos os parquinhos públicos da cidade. Os aparelhos estavam funcionando havia pouco tempo e visavam a inclusão de pessoas com deficiência. A vítima teria tido seu cabelo preso en-

quanto brincava com colegas, em número que superava o limite de pessoas que o brinquedo suporta.

A menina saiu da sala da cirurgia no início da tarde de ontem, sob acompanhamento médico e da mãe no HRAN. A família não havia retornado os contatos do **Correio** até o fechamento desta edição.

Susto

Dono de um bar em frente ao parque, Antônio da Silva relatou ter presenciado um desespero muito grande depois do acidente. A comoção fez o comerciante correr ao local, onde encontrou diversas pessoas tentando ajudar a garota. “Foi horrível. É muito triste para criança, porque ela pode ficar marcada pelo resto da vida.

O parquinho foi bem-vindo para população, era uma exigência, uma cobrança, porque realmente aqui as crianças estavam sem brinquedos. Inclusive, esse brinquedo estava sendo instalado na cidade inteira. Eu não tenho nada contra o brinquedo em si, a questão é o monitoramento das crianças”, disse o morador da região.

Outra moradora da rua onde o acidente ocorreu, Rita Alves da Silva, de 80 anos, relatou que veio às pressas quando ouviu o barulho das pessoas tentando socorrer a garota. “A mãe (da vítima) chegou e desmaiou. Eu cheguei mais perto lá para olhar e nem aguentei”, contou.

A aposentada, que costuma levar o neto ao local, afirma que gosta da ideia dos parquinhos para impedir que as crianças passem o

Henrique Sucena



Brinquedo foi interditado e será removido após perícia

dia dentro de casa, mas admite que acha o brinquedo muito perigoso. Ela lembra que já havia ocorrido um caso parecido em outro parquinho na região. Segundo ela, o primeiro acidente foi na QR 103, mas na ocasião os ferimentos da vítima foram menos graves.

Precauções

O administrador da cidade, Josiel França, declarou que entrou em contato com a Polícia Civil para que o caso seja investigado com a maior celeridade possível. As outras três crianças da família, inclu-

sive, um bebê, estão sob os cuidados do Conselho Tutelar, que as levarão para o interior de Goiás para ficarem em casa de familiares enquanto a mãe e a tia da criança são atendidas pela assistência social da administração presente no HRAN.

“Accionamos a empresa responsável e determinamos a interdição de todos os parques infantis da cidade que possuem o brinquedo PCD ainda na noite de ontem (terça-feira). Na manhã de hoje (ontem), os brinquedos foram retirados dos parquinhos pela empresa responsável pela fabricação e instalação, como medida cautelar, evitando assim novos acidentes. O parquinho onde ocorreu o acidente foi interditado para eventual perícia. Depois disso, também terá o brinquedo recolhido”, explicou o administrador.

* **Estagiário sob supervisão de Eduardo Pinho**

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.df@dabr.com.br

Sepultamentos em 4 de setembro

» Campo da Esperança

Adélio Ferreira da Silva, 84 anos
Aldair Rezende Melo, 76 anos
Edi Domingues Marcanth, 91 anos
Fernando Santanna, 82 anos
Francisco Pereira Meireles, 83 anos
João Duarte Filho, 69 anos
Luiz Antônio Soares Romariz, 67 anos

Maria Aparecida Corrêa de Moura, 77 anos
Maria do Carmo Pereira Bispo, 87 anos
Sanio Regi Fonseca Carvalho, 54 anos
Sebastião Rosa Areba, 64 anos
Ubiratan Sirio Simon, 80 anos
Wandercil Neves Carneiro Monteiro, 71 anos

» Taguatinga

Alexandre Miranda, 42 anos
Edilson Silva, menos de um ano
Emerson Rodrigues, 48 anos
Ivonete Garcia de Araújo Mattos, 57 anos
José de Ribamar Meireles Deaquino, 60 anos
Júlia Amani Barbosa Oliveira, menos de um ano
Maria de Fátima Tornáz, 57 anos
Maria Santana Pires de Moura,

76 anos
Nilda Cândida Fernandes, 67 anos
Orlando Dressler, 87 anos
Otávia Maria de Sousa, 88 anos
Rogério Guimarães Pinheiro, 42 anos
Seucina Pertence Ferreira, 12 anos

» Gama

Dalvanira do Nascimento, 69 anos
Francisca Ferreira da Silva Sena, 82 anos
Manoel da Silva Novais, 73 anos

» Planaltina

Luiz Fernandes de Souza, 76 anos
Wellington Moura Andrade, 36 anos

» Brazlândia

Geralda Alves de Queiróz, 89 anos
João Gonçalves das Neves, 88 anos

» Sobradinho

Murilo Vieira Sousa, menos de um ano

Pedro Machado da Silva, 35 anos
Ravi Dias da Silva Porto, menos de um ano
Sérgio Silva da Conceição, 56 anos
Wemerson de Jesus Santana, 19 anos

» Jardim Metropolitano

Eulíne Machado Viegas, 71 anos
Edwiges da Silva Assis, 87 anos
Ana Julya Gomes Vidal, 15 anos
Nathânia Garcia Belfort, menos de um ano